



RESENHA

<http://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2r801>

NAVA Morales, Elena. 2018. Totopo al aire: radio comunitária y comunalidad en el istmo de Tehuantepec. Ciudad de México: Ciesas. 253 pp.

Guilherme Gitahy de Figueiredo¹

¹Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, AM, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3311-0471>

E-mail: gfigueiredo@uea.edu.br

Benjamin (1994) afirma que o projeto de socialização dos meios de produção só é emancipador quando inclui os meios de produção intelectual. O trabalhador intelectual é progressista na medida em que ajuda a criar as condições para que todos participem da escrita. Elena Nava Morales logrou multiplicar as mãos que escreveram *Totopo al aire*, obra que foi zapotequizada ao ecoar as cápsulas radiofônicas, conversas no estúdio, assembleias e festas comunitárias, entre outras formas de memória, diálogo e resistência do povo Zapoteco, cujas redes de relações se intensificaram em torno da Rádio Totopo. O trabalho é fruto de um doutorado na Universidade de Brasília (Brasil), e de uma etnografia de nove meses em Oaxaca (México), precedida de trabalhos anteriores realizados na região durante a graduação.

O método promove o encontro de duas epistemologias: a antropologia do colonialismo de Johannes Fabian, com sua etnografia enquanto "práxis dialógica", e a teoria indígena da "comunalidade", em que o ayuujk Floriberto Díaz e o zapoteco Jaime Martínez Luna traduzem para não indígenas a realidade vivida pelas comunidades da Serra Norte de Oaxaca. A obra contorna, assim, o risco da exotização que reproduz a dicotomia entre ciência ocidental (evoluída/sujeito) e cultura indígena (primitiva/objeto) que é própria do colonialismo (Said 2007; Quijano 1992). Como bem demonstrou Said (2007), as obras eruditas ou científicas ocidentais dependem, para se legitimar, das referências estudadas e citadas, o que historicamente gerou redundâncias eurocêntricas, dificultando o diálogo de saberes. Apesar da expansão do pensamento pós-colonial nas universidades, ainda é arriscado fundamentar métodos de pesquisa e construções teóricas em epistemologias não ocidentais.

Daí a audácia de Nava em aproveitar as formulações de Fabian (1996, 2008), para quem o que fundamenta a objetividade não são as teorias estudadas ou os dados analisados, mas o diálogo: a ciência é "intersubjetiva". A objetividade depende da explicitação e da reflexão sobre os processos de comunicação que envolvem a produção do conhecimento. O livro de Nava traz, a todo momento (e não apenas no relato da história de sua

etnografia, convencionalmente colocado na introdução), as situações de diálogo em caminhadas, na produção de cápsulas radiofônicas, transmissões, escutando a Totopo em casa, ou situações de festas e assembleias que tecem a escrita do livro, ao mesmo tempo em que apresenta tramas com a literatura antropológica escrita por intelectuais indígenas e não indígenas.

Esse diálogo foi intensificado com a teoria da comunalidade. Díaz e Luna estudaram antropologia em instituições científicas mexicanas marcadas por “bagagens” culturais ocidentais e, a partir do protagonismo que tinham em meio aos seus povos, deram início à elaboração teórica que tinha como objetivo a tradução para o mundo não indígena das visões de mundo e relações comunitárias indígenas. Nava (2018) destaca as seguintes características da comunalidade de Díaz: toda comunidade tem um território, uma história comum, uma variante linguística identificada como comum, uma organização política, cultural, social, civil, econômica e religiosa, e um sistema comunitário de justiça. Estas dimensões sensibilizaram a autora sobre as situações em que se dão a reprodução e a reinvenção dinâmica das relações comunitárias nas quais a rádio se insere, lugares privilegiados para se viver as situações de diálogo da pesquisa. Uma das conclusões da obra é que o povo zapoteco comunalizou a rádio, ao criar na Totopo novas situações de intensificação da comunalidade zapoteca. Ao ler o livro, notamos que comunalizou também a sua escrita.

Na primeira parte do livro, a autora resume 3 mil anos da história zapoteca. Mas o que poderia parecer uma “obsessão das origens” (Bloch 2001:56) revela-se uma escolha acertada. Entre a leitura de obras historiográficas, que também circulam

entre os zapotecos, e a transcrição de conversas e cápsulas radiofônicas, o que se tece na rádio e na escrita do livro é a memória zapoteca contemporânea, com seus heróis e histórias de resistência e luta por autonomia. A sobreposição, no texto, de referências a trabalhos historiográficos com transcrições de conversas e programas de rádio ajuda a desnaturalizar e a historicizar o conhecimento historiográfico. Esses vários elementos dialogam entre si no texto, um servindo para ajudar na reflexão sobre o outro, e revelando vários tipos de relações existentes entre os zapotecos e a ciência, seja enquanto leitores que se apropriam ou como produtores crescentemente reconhecidos de historiografia e antropologia.

A segunda parte é dedicada à rádio Totopo. Parte da situação histórica que envolve novas formas de colonialismo neoliberal e de resistência zapoteca, para entrar na história da rádio, sua composição e as redes de relações que são ativadas na sua interação com o município de Juchitán, o Bairro dos Pescadores, as organizações do movimento indígena e de comunicadores indígenas, além de turistas e a solidariedade internacional. A rádio surgiu com dois objetivos principais: combater os megaprojetos do corredor eólico no Istmo de Tehuantepec e valorizar a língua zapoteca. O primeiro remete à racionalidade instrumental do Ocidente: governos sem participação popular implantaram políticas neoliberais que reduziram as garantias legais dos camponeses e indígenas mexicanos em relação à propriedade da terra, com o objetivo de mercantilizar os territórios. O principal marco nesse processo foi a “contrarreforma” do artigo 27 da Constituição, realizada pelo presidente Carlos Salinas de Gortari em 1992, que encerrou a reforma agrária e tornou possível a privatização de propriedades

comunais. Na região da rádio Totopo, isso tornou possível a chegada de grandes empresas que começaram a construir parques eólicos a partir de 1994, com centenas de turbinas. Essas empresas não só evitaram espaços horizontais de diálogo e negociação com a população local, como ainda enviaram representantes que diziam falar em nome da Comissão Federal de Eletricidade para persuadir comunitários a assinar contratos, permitindo a instalação das turbinas em terras comunais.

Um dos avanços mais importantes da antropologia contemporânea foi romper com as noções essencialistas de cultura e sociedade, que Wolf (2005) compara a bolas de bilhar, e que Pacheco de Oliveira (1988) atribui à reprodução do conceito de "espécie" da biologia. Entre inúmeros outros efeitos, esse tipo de essencialização contribui para a reprodução da exotização teorizada por Said (2007): a representação do "outro" como radicalmente distinto, oposto, e caracterizado por valores invertidos em relação àquele que observa. Nava (:36) aponta que a teoria da comunalidade se afasta de dicotomias como a oposição clássica entre comunidade e sociedade, "ressaltando o caráter não oposto, mas diferencial da sociedade indígena com respeito à sociedade 'ocidental'". A etnografia realizada com a ajuda desta teoria nos mostra um panorama em que as relações entre sociedades indígenas e ocidentais são de diferentes tipos: algumas revelando maior afinidade e diálogo, como no caso da interação entre a antropologia do colonialismo de Fabian e a teoria da comunalidade de Díaz e Luna, ou mesmo na solidariedade entre grupos e ativistas indígenas e não indígenas do México, da Europa e dos Estados Unidos; e outras em que predomina a racionalidade instrumental das situações de engano, dominação e exploração.

Ao etnografar situações de interação entre os integrantes da rádio Totopo e deles com as redes em que a rádio se insere e que se inserem nela, a autora participa e documenta relações de solidariedade e conflito que demonstram os modos pelos quais a rádio se torna parte importante das dinâmicas comunitárias. O último capítulo é dedicado às festas comunitárias públicas e privadas às quais a rádio dedica muito tempo, de modo que se torna "elemento das celebrações rituais" e participante da "produção da tradição local" que contribui para a coesão comunitária (:223). Além disso, participa do processo de "patrimonialização e redução de significado" ao levar essas tradições para serem apresentadas em lugares não indígenas (:224). As festas são parte importante da zapotiquização da rádio e do livro.

No final há uma interessante análise de Jaime Martínez Luna a partir de Marshal McLuhan. Para este, o rádio é uma tecnologia com o poder de "retribalizar" o mundo, pois guarda afinidade especial com a cultura oral e intensifica os seus processos. O teórico indígena responde que "o triste da rádio e da televisão é quando reproduzem a importância da leitura-escrita, abandonando a sua própria potencialidade" (Martínez Luna 2003 citado em Nava 2018:229). O fortalecimento da oralidade com o rádio é estratégico, já que corresponde à comunicação horizontal que é própria da comunalidade. A escrita, por outro lado, guarda uma relação histórica importante com o colonialismo ocidental, cuja reprodução é demonstrada por Nava ao documentar as denúncias em torno dos contratos assinados com os parques eólicos. A valorização da oralidade não leva, porém, à inversão da exotização que romantiza os estereótipos (Said 2007).

Na obra, as fronteiras entre oralidade e escrita são atravessadas por uma redação etnográfica feita por mãos indígenas

e não indígenas, cujo encontro ocorre em situações comunitárias de diálogo e também nos debates acadêmicos.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. 1994. "O autor como produtor" [1930]. In: ___, *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- FABIAN, Johannes. 1996. *Time and the work of Anthropology. Critical Essays 1971-1991*. Coira: Hardwood Academic Publishers.
- _____. 2008. *Anthropology as commentary*. Durham & London: Duke University Press.
- NAVA Morales, Elena. 2018. *Totopo al aire: radio comunitária y comunidad en el istmo de Tehuantepec*. Ciudad de México: Ciesas. 253 pp.
- OLIVEIRA Filho, João Pacheco de. 1988. *Os Ticuna e o regime tutelar*. São Paulo: Marco Zero.
- QUIJANO, Aníbal. 1992. "Colonialidad y modernidad-racionalidad". In: H. Bonillo (ed.), *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones/Flacso. pp. 437-449.
- SAID, Edward. 2007. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- WOLF, Eric. 2005. *A Europa e os povos sem história*. São Paulo: Edusp.